

BIZZOCCHI, Aldo. *Léxico e ideologia na Europa Ocidental*. São Paulo, Editora Annablume, 1998, 271 p.

Ricardo Baptista Madeira*

Desde que a lingüística se estabeleceu como ciência, no início do século XIX, distinguindo-se da gramática que era praticada desde a Grécia antiga, um dos campos mais produtivos de sua pesquisa tem sido o do léxico. Na verdade, enquanto a gramática herdada dos gregos se preocupava mais com as estruturas lógicas do pensamento subjacentes à língua e com a questão do bom uso da linguagem, o interesse dos primeiros lingüistas recaiu exatamente sobre o léxico: foi através da comparação entre palavras cognatas de diferentes línguas européias mais o sânscrito que esses pesquisadores chegaram às famosas leis fonéticas que deram origem ao chamado método histórico-comparativo, primeira etapa no desenvolvimento da nova ciência lingüística. O estudo do léxico seguiu, desde então, duas orientações diferentes. De um lado, a perspectiva etimológica, que estuda a origem e a história das palavras, levando em conta todas as etapas de sua evolução fonética, gráfica e semântica, cujos maiores representantes foram Schleicher, Meyer-Lübke, Bloch, Wartburg, Humboldt, Dauzat e Meillet, dentre outros, e a perspectiva neológica, que estuda os processos de criação das palavras na língua. O maior representante dessa corrente foi, sem dúvida, Guilbert (1975), que classificou os processos neológicos em fonológico (criação de palavras a partir de combinação inédita de fonemas), morfológico (que compreende a composição e a derivação), semântico (atribuição de um novo significado a uma palavra já existente) e alogenético ou empréstimo (importação pela língua de palavra estrangeira). No Brasil, alguns dos mais representativos trabalhos filiados à corrente neológica são os de Barbosa (1981) e Alves (1990).

* Universidade São Judas.

O livro *Léxico e Ideologia na Europa Ocidental*, de Aldo Bizzocchi, apresenta uma nova perspectiva no estudo do léxico das línguas neolatinas e anglo-saxônicas, através da fusão de ambas as correntes de análise do léxico, num estudo ao mesmo tempo etimológico e neológico, construindo assim uma teoria que o próprio autor chamou de “lexicogênica”, vale dizer, baseada na origem e nos processos de criação das palavras, a partir da tensão entre o *clássico* (de influência greco-latina) e o *vulgar*.

O livro se divide fundamentalmente em duas partes, uma teórica e uma prática. O princípio básico de análise adotado pelo autor na primeira parte da obra é o de que as línguas de cultura ocidentais têm por base o modelo greco-latino ou clássico. Serem línguas de cultura significa que, mais do que simples veículos de comunicação de certas populações, essas línguas são verdadeiros *idiomas*, na medida em que produziram uma literatura e representam a expressão de nacionalidades. Por conseguinte, além das palavras populares, vernáculas, isto é, aquelas que pertencem à língua desde sempre, tendo sido herdadas diretamente de suas antepassadas históricas, esses idiomas (o português, o espanhol, o francês, o italiano, o inglês, o alemão, o holandês, etc.) possuem um grande número de palavras de cunho erudito, pertencentes justamente ao domínio da cultura, que entraram nas línguas pela via escrita. Assim, a história lingüística do Ocidente se divide entre o domínio das línguas clássicas – o grego e o latim – e o das línguas ditas vulgares, isto é, as línguas neolatinas ou românicas e as línguas anglo-saxônicas ou germânicas. Sendo o grego e o latim as únicas línguas de cultura durante a Antigüidade e a Alta Idade Média – período em que as línguas vulgares começaram a se estabelecer também como línguas de cultura –, era natural que o vocabulário culto dessas línguas fosse criado através da importação de palavras gregas ou latinas ou da construção de novas palavras segundo o modelo greco-latino. Secundariamente, também o intercâmbio de palavras entre as línguas vulgares contribuiu para o enriquecimento de seu vocabulário. Desse modo, Bizzocchi demonstra em seu livro que a história do léxico das línguas européias ocidentais se apóia na dicotomia entre elementos clássicos e vulgares, autóctones ou importados. Por conseguinte, todas essas línguas possuem um vocabulário “erudito” e um vocabulário “vulgar”.

No entanto, a questão não é assim tão simples. Todas as línguas em questão tomaram – e ainda tomam – empréstimos ao grego e ao latim; porém, às vezes, a palavra emprestada é mantida em sua forma original (salvo pequenas adaptações gramaticais obrigatórias), enquanto, outras vezes, é “vulgarizada”, isto é, passa por um processo de mudança fonético-fonêmica ou então de substituição ou acréscimo de morfemas vulgares que torna essa palavra “semi-erudita”, isto é, meio erudita, meio vulgar. Por outro lado, essas línguas também podem ou não “reclassicizar” termos vulgares, substituindo-os por seus equivalentes greco-latinos. Algumas línguas são mais receptivas ao empréstimo de palavras vulgares estrangeiras, ao passo que outras são mais “nacionalistas”, isto é, mais resistentes à influência estrangeira. Para dar conta de todos esses fenômenos, o autor procura elaborar um modelo complexo e abrangente de descrição e explicação dos percursos pelos quais as palavras apareceram nas línguas européias e da forma que possuem atualmente. Trata-se de um modelo taxonômico que procura estabelecer uma tipologia dos processos de produção lexical específicos das línguas da Europa Ocidental. Para tanto, Bizzocchi introduz novos conceitos, como, por exemplo, os de lexicogênese, metamorfismo, empréstimo de restituição, ressemantização, além do interessante conceito de *germance*, por analogia ao romance, dentre outros, assim como redefine outros conceitos, de uso já corrente, estabelecendo-os em bases formais rigorosas (o que os trabalhos de gramática histórica até hoje não haviam feito), como é o caso do empréstimo de tradução, do empréstimo de sentido, da refeção de vulgarismos, da relatinização, etc., chegando a um quadro geral dos processos lexicogênicos que se divide em duas categorias básicas de fenômenos: a autogenia e a alogenia. A atuação de todos esses fenômenos combinados é o que faz com que cada língua possua um perfil lexicogênico próprio. É justamente o diferente perfil lexicogênico de cada língua, baseado na dicotomia clássico/vulgar e, portanto, no tratamento que cada idioma dá aos empréstimos greco-latinos, aliado ao fluxo de palavras de uma categoria a outra, o que determina o caráter ideológico das escolhas léxicas feitas por cada língua. É nesse sentido que Bizzocchi fala na *ideologia* do léxico de cada língua:

línguas mais classicizantes ou mais vulgarizantes, línguas mais xenófilas ou mais xenófobas, e assim por diante. Dada a presença constante das línguas clássicas a modelar as línguas de cultura vulgares da Europa Ocidental, o autor mostra, portanto, como o mesmo modelo cultural greco-latino, expresso através do léxico, é diferentemente filtrado por cada língua. A teoria léxica proposta por Bizzocchi tem o mérito de dar conta de uma série de casos que a teoria etimológica tradicional explica de forma pouco convincente, como o demonstra o próprio autor, ao fazer uma crítica bastante pertinente das insuficiências dos modelos em uso atualmente. Esse mérito reside principalmente na concepção dinâmica, dialética, de língua em que Bizzocchi se apóia, inserindo, assim, seu estudo numa perspectiva que atualmente costuma ser classificada como pós-estruturalista, e que leva em conta a língua enquanto fenômeno semiótico e como sistema não de signos, mas sim de significação. A apresentação desse macromodelo, fundamentada por uma série de dados históricos relevantes e por grande número de exemplos em várias línguas européias, que demonstram grande erudição por parte do autor, constitui a primeira parte da obra (introdução e capítulos 1 e 2).

Na segunda parte (capítulos 3 e 4), Bizzocchi realiza a aplicação de sua teoria à análise do léxico de cinco línguas européias ocidentais, a saber, o português, o francês, o italiano, o inglês e o alemão. Utilizando o método estatístico, efetua um estudo comparativo do vocabulário dessas línguas, através de textos científicos e jornalísticos, analisando e classificando as chamadas palavras lexicais – substantivos, adjetivos, verbos e advérbios de modo – do ponto de vista lexicogênico, para traçar o perfil ideológico do léxico dessas línguas. (A escolha dos textos e dos tipos de palavras estudadas é justificada na primeira parte do livro.) Através de uma análise estatística bastante rigorosa, o autor chega a um resultado surpreendente em relação ao comportamento das línguas estudadas. Ele demonstra que o francês e o inglês são línguas mais “clássicas”, ao passo que o italiano e o alemão são mais “vulgares”. Faz também algumas inferências sobre o perfil léxico de línguas não estudadas na obra, como o espanhol e as línguas escandinavas.

A importância do trabalho de Bizzocchi reside no fato de ter ele conseguido unificar duas diferentes abordagens científicas

do léxico – a histórica e a estrutural – numa única teoria, através de um novo enfoque que une as perspectivas diacrônica e sincrônica de estudo da linguagem numa perspectiva mais abrangente, hoje em dia chamada de pancrônica. Mas o mais importante é que o modelo teórico proposto visa a dar conta exatamente das línguas de cultura da Europa Ocidental, sem dúvida, as que mais influenciam a cultura mundial. Nas palavras do próprio autor, “a Europa Ocidental é talvez o melhor exemplo de povos étnica e lingüisticamente diferentes que, no entanto, devido à influência cultural comum – da Grécia e Roma antigas –, constituíram uma única grande civilização”.

Aldo Bizzocchi apresenta-nos, assim, uma visão totalmente nova sobre um velho problema. Este trabalho, a nosso ver, promete uma revolução na compreensão dos processos de surgimento das palavras nas línguas européias e das próprias razões que presidem a evolução das línguas. É uma obra indispensável tanto aos que se dedicam ao estudo teórico do léxico e da história das línguas européias através da ideologia que presidiu sua formação e dita suas diretrizes até hoje (como é o caso dos lexicólogos e filólogos) quanto àqueles que se interessam pelos aspectos mais pragmáticos do vocabulário, como, por exemplo, os tradutores, os lexicógrafos (sobretudo os que trabalham com dicionários bilíngües e multilíngües) e os terminólogos. Por dizer respeito diretamente à ideologia subjacente ao léxico de algumas das mais importantes línguas de cultura da atualidade, somado à perspectiva contrastiva do estudo realizado, tornam-se evidentes as implicações que a problemática estudada têm numa tradução entre duas línguas européias, bem como na chamada normatização terminológica, em que se procura adaptar à nossa língua termos técnicos, científicos e especializados, as mais das vezes provenientes de outras línguas européias, nas quais foram originalmente criados. Assim sendo, conhecer as tendências ideológicas que nortearam/norteiam as escolhas léxicas tanto na língua de partida quanto na língua de chegada é fundamental quando se trata de escolher a melhor tradução para um vocábulo estrangeiro ou quando se deseja criar em português um termo equivalente a um estrangeiro. Neste último caso, em particular, surgem questões como: deve-se substituir um termo estran-

geiro por um vernáculo ou mantê-lo em sua forma original (por exemplo, *software* ´ aplicativo)?; no caso de um neônimo (neologismo pertencente a um discurso de especialidade) de origem greco-latina, deve-se mantê-lo em sua forma erudita ou vulgarizá-lo (por exemplo, multimídia, multimedida ou multimeios)? A leitura da obra em apreço pode lançar uma luz sobre essas e outras questões relevantes, que inquietam os estudiosos de língua, os tradutores e aqueles que são obrigados, em suas profissões, a manipular terminologias.

A teoria apresentada nesta obra permite ainda inúmeras aplicações nos campos da etimologia, da gramática histórica e do ensino de léxico, dentre outras, que não discutiremos aqui, mas que o leitor poderá descobrir por si próprio.

O prefácio da obra fica a cargo da Prof.^a Dr.^a Jeni da Silva Turazza, da PUC de São Paulo, que diz: “Objetivando encontrar as causas das convergências e divergências das formações léxico-gramaticais de idiomas distintos (francês, inglês, alemão, português e italiano), Aldo Bizzocchi, valendo-se do método comparativo, submete os vocabulários de discursos científicos, filosóficos e jornalísticos contemporâneos a um tratamento qualitativo e quantitativo, tendo por critério de análise princípios da Lingüística Quântica e postulados da Lingüística do Discurso, numa interface com dados da Lexicologia. Esse quadro teórico possibilita-lhe revelar dados de extrema valia para o estudioso dos mais diferentes campos da linguagem.”

Referências bibliográficas

- ALVES, I. M. (1990) *Neologismo: criação lexical*. São Paulo, Ática.
 BARBOSA, M. A. (1981) *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo, Global.
 GUILBERT, L. (1975) *La créativité lexicale*. Paris, Larousse.